

# A LÍTERATURA E A PÓS- INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA NO LIVRO CAMINHOS DES-ENCANTADOS, DE JOSÉ MENA ABRANTES

PedroVictor do Vale Carlos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo abrir uma discussão a respeito do livro *Caminhos Des-encantados*, do escritor e dramaturgo angolano José Mena Abrantes, e de como ele é capaz de traduzir o cenário nacional angolano de um certo período histórico. O livro, composto por trinta e três contos produzidos entre agosto e outubro de 1994, em Luanda, faz relação com a situação social e política de Angola na época, que enfrentava uma violenta e duradoura guerra civil. Para que possamos discutir a relação da literatura de Abrantes com o contexto pós-independência de Angola, debateremos acerca da literatura africana e do pós-colonialismo, bem como do contexto histórico angolano após o fim do domínio português no país.

**Palavras-chave:** Angola. José Mena Abrantes. Literatura africana. Pós-Colonialismo. Pós-Independência.

## ANGOLA'S LITERATURE AND POST-INDEPENDENCE IN THE BOOK CAMINHOS DES-ENCANTADOS, BY JOSÉ MENA ABRANTES

**Abstract:** The present article aims to open a discussion about the book *Caminhos Des-encantados*, by the Angolan writer and playwright José Mena Abrantes, and how it is able to translate the Angolan national scene of a certain historical period. The book, composed of thirty-three short stories produced between August and October 1994 in Luanda, relates to the social and political situation of Angola at the time, which was facing a violent and long-lasting civil war. In order to discuss the relation of Abrantes' literature with Angola's post-independence context, we will discuss African literature and post-colonialism, as well as the Angolan historical context after the end of the Portuguese rule in the country.

**Keywords:** Angola. José Mena Abrantes. African literature. Post-Colonialism. Post-Independence.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPCL, também pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: pedrovvc3@gmail.com

## Introdução

Ao partirmos de um ponto de vista historicista, podemos considerar que o surgimento – e o posterior desenvolvimento – das literaturas africanas de língua portuguesa é resultado de um sistema histórico de assimilação da literatura e da arte praticada pelos europeus, em decorrência direta do período colonial dos países dominados por Portugal no continente africano. Apesar disso, as literaturas africanas de língua portuguesa, incluindo a de Angola, atingiram um grau de autonomia e independência de sua contraparte portuguesa a partir de um processo de percepção de sua própria realidade nacional e de conscientização e afirmação enquanto sujeitos africanos.

Nessa perspectiva, a literatura dos países africanos de língua portuguesa pode ser relacionada à discussão acerca do pós-colonialismo e de como a dominação exercida por Portugal nesses cenários se dava de maneira semiperiférica, tendo em vista que, apesar dos portugueses exercerem influência no contexto africano, eles também se viam submissos aos interesses políticos ingleses. Dessa maneira, discute-se as consequências dessa especificidade do processo colonial português em países africanos, incluindo a Angola, e como isso contribuiu para a manutenção de relações e hierarquizações de poder nessas sociedades, mesmo após a declaração de independência política.

No cenário angolano pós-independência, proclamada em 1975, o país africano se encontrou em um período de violência generalizada causado por uma guerra civil – que durou, com intervalos, até 2002 – em busca de poder e controle territorial entre antigos grupos políticos que lutaram pela libertação nacional: majoritariamente, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

Dessa forma para que possamos discutir mais a fundo essa temática da literatura africana de língua portuguesa, pós-colonialismo e do contexto social e político na Angola pós-independência, utilizaremos o livro *Caminhos Des-encantados*, do dramaturgo, escritor e jornalista angolano José Mena Abrantes, como objeto de estudo neste artigo. *Caminhos Des-encantados* foi publicado originalmente em 1994 e é composto por trinta e três contos escritos entre agosto e outubro do mesmo ano, retratando o contexto social de Angola no período da guerra civil e de que maneira o conflito armado e suas consequências afetavam a vida e o cotidiano da população do país.

## Literatura africana e pós-colonialismo

Em um contexto histórico, o início da literatura africana de língua portuguesa pode ser remontado até o século XV, período no qual Portugal começou a se expandir para a África e, posteriormente a alcançar a Ásia, a Oceania e as Américas. Apesar disso, o surgimento de uma atividade cultural de fato contínua e regular na África – e, no caso deste artigo, em Angola – associa-se diretamente ao desenvolvimento do ensino, à liberdade de expressão e à instalação do prelo – uma forma de impressão gráfica de livros – em meados do século XIX (FERREIRA, 1977a).

Nesse primeiro momento, a literatura africana se desenvolve a partir de uma visão colonial, que “define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano” (FERREIRA, 1997a, p. 10). Pouco tempo depois, já na segunda metade do século XIX, no entanto, também se desenvolvia uma linha de literatura que não pode ser catalogada junto à colonial, ainda que não seja necessariamente oposta a ela, mas que se caracterizava por trazer uma perspectiva de

realidade social e rejeitar a ideia de exaltação do homem branco em relação ao homem negro.

Já numa perspectiva completamente oposta às ideias e concepções da literatura colonial, temos a literatura africana de língua portuguesa, que apresentava, pouco a pouco uma consciência anti-colonialista. Em Angola, também na segunda metade do século XIX, destaca-se uma literatura caracterizada pelo surgimento de um sentimento nacional, seja na lírica, na narrativa ou até mesmo na prática jornalística (FERREIRA, 1997b).

Ainda de acordo com Manuel Ferreira (*apud* FONSECA; MOREIRA, 2007), o desenvolvimento das literaturas africanas de língua portuguesa se constrói através de quatro períodos:

No primeiro, destaca o teórico que o escritor está em estado quase absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural. Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta a percepção da realidade. O seu discurso revela influência do meio, bem como os primeiros sinais de sentimento nacional: a dor de ser negro, o negrismo e o indigenismo. O terceiro momento é aquele em que o escritor adquire a consciência de colonizado. A prática literária enraíza-se no meio sociocultural e geográfico: é o momento da desalienação e do discurso da revolta. O quarto momento corresponde à fase histórica da independência nacional, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano: é o momento da produção do texto em liberdade, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 14-15)

Dessa maneira, é estabelecido que a compreensão de como se desenvolve a literatura africana de língua portuguesa está diretamente relacionada à dinâmica desses quatro momentos, que, entretanto, são flexíveis e maleáveis, permitindo, assim, que o escritor tenha capacidade de transitar entre dois ou mais deles, unindo valores adquiridos do colonizador e a consciência nacional do contexto africano.

Ao se pensar em um ponto de vista mais historicista, Patrick Chabal (*apud* FONSECA;

MOREIRA, 2007) também estabelece quatro fases que contribuem para o entendimento das literaturas africanas de língua portuguesa: *assimilação*, período no qual o escritor africano em concordância com os modelos de escrita europeus; *resistência*, quando o escritor africano toma consciência de sua africanidade e rompe com os moldes europeus; *afirmação*, fase na qual o escritor se reconhece enquanto um sujeito africano no período e busca estabelecer seu lugar na sociedade pós-colonial de seu país; e por fim a *consolidação*, onde o escritor africano procura traçar o futuro da literatura de seu país ao mesmo tempo em que tenta garantir o lugar dessa literatura nacional no contexto literário mundial.

Nesse sentido, a independência das literaturas de origem africana em relação aos modelos europeus e colonizadores – e, nesse caso, português – “resultou de um esforço prático e teórico de autoafirmação que esteve longe de depender exclusivamente de elementos estéticos ou, para sermos mais latos, exclusivamente culturais” (LARANJEIRA, 2000, p. 237).

Ainda de acordo com Laranjeira (2000), o desenvolvimento da construção de uma identidade nacionalista africana, aliado à consciência da africanidade por parte dos sujeitos e escritores, é fruto de processos sociopolíticos e culturais, resultando em uma autonomia em relação aos europeus. Dessa maneira, a africanidade – e, conseqüentemente, as manifestações de literatura africana de língua portuguesa – se estabelece a partir da contestação ao etnocentrismo e da oposição ao sistema de dominação colonial.

É justamente a partir dessa perspectiva de oposição ao sistema de dominação colonial europeu que abordamos a discussão a respeito do pós-colonialismo e como ele se relaciona com as literaturas africanas de língua portuguesa. De acordo com Santos (2003), o colonialismo exercido por Portugal na África, e também no

Brasil, deu-se de modo semiperiférico, tendo em vista que os portugueses exploraram avidamente suas colônias, ao mesmo tempo em que também era, de certa maneira, submisso aos interesses e à política da Inglaterra. Devido a essa especificidade, portanto, pode-se entender que, ainda que as colônias portuguesas tenham se libertado do vínculo imperialista com a metrópole, elas não necessariamente se viram livres das relações de dominação e subalternidade dentro das próprias sociedades nacionais.

O pós-colonialismo deve ser entendido em duas acepções principais. A primeira é a de um período histórico, aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado. Na primeira acepção o pós-colonialismo traduz-se num conjunto de análises econômicas, sociológicas e políticas sobre a construção dos novos Estados, sua base social, sua institucionalidade e sua inserção no sistema mundial, as rupturas e continuidades com o sistema colonial, as relações com a ex-potência colonial e a questão do neocolonialismo, as alianças regionais etc. Na segunda acepção, insere-se nos estudos culturais, lingüísticos e literários e usa privilegiadamente a exegese textual e as práticas performativas para analisar os sistemas de representação e os processos identitários. Nessa acepção o pós-colonialismo contém uma crítica, implícita ou explícita, aos silêncios das análises pós-coloniais na primeira acepção. (SANTOS, 2003, p. 26)

O termo “pós-colonialismo”, entretanto, especialmente em relação ao segundo entendimento, por se tratar de sistemas de representações nacionais e de processos identitários, também é alvo de debates e discussões a respeito do desenvolvimento de relações de poder. Nesse sentido, nos períodos históricos após a saída das forças colonizadoras, ainda existiria, dentro das sociedades africanas hierarquias sociais operantes, funcionando como novas formas de colonialismo.

Hoje cada vez mais as críticas à crítica pós-colonial, sobretudo aquelas que vêm dos ex-impérios, convergem para a consideração de que, não obstante a consciência da necessidade

de dialogar com as “epistemologias do sul” na construção do saber, os atuais estudos culturais têm-se reorganizado em outros alicerces, diferentes dos tradicionais, de antagonismos lineares e duais, que continuam a perpetuar a supremacia de uma estrutura ideológica e histórica espaço-temporal. (MATA, 2014, p. 31)

É interessante refletir, nessa perspectiva, sobre as desiguais relações de poder que permanecem presentes mesmo após a independência dos países africanos de língua portuguesa. Ao levarmos em consideração o processo colonizador semiperiférico de Portugal, que exercia influência em suas colônias ao mesmo tempo em que era submisso aos interesses ingleses, pode-se questionar se esse processo não contribuiu para a manutenção do estado de subalternidade das sociedades desses países, que teriam internalizado valores e concepções dos portugueses. Dessa maneira, ainda que a influência imperialista e colonizadora já não esteja tão fortemente presente no contexto social desses países, há ainda um sistema de hierarquização causado por diferentes aspectos sociais, como etnia, raça, gênero, orientação sexual, classe econômica etc, além da busca por poder político por parte de diferentes grupos após a independência das nações africanas (MATA, 2014).

## **Independência e aspirações políticas de Angola**

A literatura africana, não somente a de língua portuguesa, em um contexto histórico do pós-colonialismo e da pós-independência, demonstra interesse em dar importância às questões militares e das guerras que cercavam os países do continente, apesar de pouco abordar a figura do militar enquanto indivíduo. Uma das razões para esse fenômeno pode ser encontrada no escasso engajamento da elite social nos combates pós-independência dos países africanos em relação ao envolvimento das classes mais baixas.

A ausência de obras sobre o heroísmo não se deve a ausência de heróis. Os homens e as mulheres corajosamente mortos, pela causa que eles defendiam nas guerras africanas sobrevividas desde a independência, foram numerosos. Contudo, a natureza destes conflitos, ela própria, produzia uma dificuldade política em cantar a glória destes heróis. Excetuando-se aquelas travadas pelo Egito, grande parte das guerras advindas em países africanos independentes, foram guerras civis e, com frequência, guerras de secessão. [...] É verossímil que os poetas e escritores busquem a sua inspiração no sacrifício de outros intelectuais seus confrades, em detrimento de procura-la na morte de camponeses desconhecidos. (MAZRUI *et al*, 2010, p. 689)

Um outro fator que contribui para a ausência de obras literárias que retratem a figura do militar se deve à questão de que há maior probabilidade de exaltação e glorificação de uma figura militar, heroica e patriótica, caso haja uma guerra contra outra potência estrangeira. Como a maior parte das guerras no continente africano, no contexto da pós-independência, eram caracterizadas por conflitos civis dentro do próprio país em busca de manutenção de poder após a saída das forças colonizadoras, a figura heroica do militar não ganhava espaço.

O contexto sócio-histórico da Independência de Angola do domínio português, proclamada no dia 11 de novembro de 1975, e dos anos que se seguiram a esse acontecimento, gerou um sentimento de excitação e entusiasmo através da população angolana, incluindo artistas do país, desde escritores e poetas até pintores e intelectuais. Nesse sentido, nos dez primeiros anos após a Independência Angolana, já era notório que a literatura, a poesia e as artes em geral deixavam de operar dentro da clandestinidade estabelecida no período do regime colonial e também das lutas armadas pela libertação do país (SECCO, 2013).

Nessa perspectiva, Secco (2013) comenta que o movimento editorial de Angola também experimentou um crescimento considerável, situação na qual a União dos Escritores Angolanos (UEA) – fundada logo após a Independência

Angolana, em 10 de dezembro de 1975, e da qual José Mena Abrantes faz parte, inclusive – teve papel importante. Isso porque havia censura em cima das manifestações literárias durante o período de domínio colonial português, tornando escritores e artistas, também envolvidos nas lutas libertárias, pouco conhecidos dentro e fora do próprio país. Com a independência política de Angola, portanto, havia mais abertura para a disseminação das manifestações literárias, sobretudo, poéticas, que se caracterizavam pelo nacionalismo e pela celebração da liberdade política recém-conquistada.

No entanto, apesar de Angola ter conquistado sua independência do domínio colonial de Portugal, a situação política no país continuou conturbada. Após a Independência, o país logo entrou em uma intensa guerra civil, que durou, com intervalos, entre 1975 e 2002, envolvendo forças políticas na luta pelo controle do território recém-liberto. Essas forças integravam, majoritariamente, dois antigos grupos distintos de libertação nacional: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), além da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), que lutou junto com a UNITA na guerra pela independência do país, mas que não desenvolveu papel de muito destaque nos anos que se seguiram com a guerra civil, tendo sido derrotada pelo MPLA com a ajuda de tropas cubanas. Em 1991, foi estabelecido um acordo de paz entre o MPLA e a UNITA, ocasionando uma eleição multipartidária em setembro do ano seguinte e que resultou na vitória do MPLA. A UNITA, no entanto, recusou-se a aceitar o resultado da eleição e reiniciou a guerra civil, conflito que durou até 2002 e se encerrou novamente com vitória do MPLA (ÉBOLI, 2006).

Nesse contexto, é importante ressaltar que a guerra civil causou grandes danos às instituições políticas e sociais do país durante os vinte e seis anos de duração. A ONU estima em quase dois (2) milhões o número

de pessoas internamente deslocadas, enquanto o número de pessoas atingidas pela guerra chega aos quatro (4) milhões. As condições de vida em todo o país e especialmente na capital Luanda espelham o colapso das infra-estruturas administrativas bem como de muitas instituições sociais. É dentro dessa realidade histórico-social que o panorama artístico angolano pós-colonial desenvolve-se, num impulso criativo baseado na força das vivências do país aterrorizado pela guerra. A arte, em suas manifestações, surge então como um meio de tornar consciente os problemas e conseqüências da condição do país. (ÉBOLI, 2006, p. 26)

Dessa maneira, apesar de, inicialmente, o sentimento predominante na Angola pós-independência fosse de entusiasmo e euforia e com muitos ideais revolucionários para a nova nação liberta, a arte e a literatura nacionais seguiram de acordo com o panorama de guerra e violência que predominava no país. Com a escalada da violência na guerra civil entre o MPLA e a UNITA na busca pelo controle territorial de Angola – em especial durante a década de 1990, após a queda do Muro de Berlim e da extinção da então União Soviética, que exercia grande influência no contexto angolano devido à Guerra Fria – passou a imperar não mais o sentimento de nacionalismo e esperança com o fim do período colonial e de um novo país com futuro promissor, mas, sim, um clima de desilusão e de desapontamento com a realidade social que se desenvolvia.

Nessa perspectiva, Secco (2013) estabelece que o conflito armado entre o MPLA e a UNITA, no contexto interno, social e político da Angola, desacelerou a crescente economia nacional, além de devastar algumas regiões do país durante o desenrolar da guerra civil. Desse modo, conseqüentemente, o sentimento que permeia as produções literárias do país durante esse período – antes de animação nacionalista – passa a ser caracterizado como melancólico e desanimado, além de desacreditado nos anseios e aspirações revolucionários, sendo substituído por instabilidades e incertezas políticas

ocasionadas pelo acirramento da guerra civil pós-independência.

As conseqüências dos conflitos coloniais e pós-coloniais logo foram percebidas em termos econômicos e sociais: o conflito armado possibilitou promoções rápidas de políticos e militares, criou oportunidades de valorização pessoal e profissional e gerou fortunas rápidas e fáceis através da hipocrisia dos que o fomentaram. Dessa forma, a desigualdade social se afirmou na eclosão da miséria e da fome, enfatizada pela necessidade de inúmeros povos de abandonar suas terras e procurar refúgio nos grandes centros urbanos, aumentando consideravelmente a densidade populacional desses centros. Populações inteiras empreenderam grandes marchas e cruzaram as matas do país fugindo da guerra, sendo que milhares de pessoas morreram antes de chegar a seu destino e outras tantas foram mutiladas pelo caminho. Aos sobreviventes restou como única alternativa ocupar as periferias das cidades em musseques de condições sub-humanas, excêntricos a outros já existentes. (ÉBOLI, 2006, p. 75)

O período pós-independência na Angola, portanto, foi desenvolvido através de extensos e violentos conflitos armados em busca de controle interno nacional, ocasionando conseqüências social e economicamente devastadoras para a população do país. Esse cenário, então, foi tema recorrente nas produções literárias da Angola, seja em relação a poesias ou a narrativas, e é inclusive o conteúdo central que guia os contos escritos por José Mena Abrantes em seu livro *Caminhos Des-encantados*, que serve como objeto de estudo deste artigo.

## **Os Caminhos Des-encantados de José Mena Abrantes**

José Mena de Abrantes é um renomado jornalista, escritor, dramaturgo, produtor e encenador de teatro angolano, nascido na cidade de Malanje em 1945. Enquanto jornalista, participou ativamente na criação da agência noticiosa ANGOP, tendo atuado como chefe de redação e diretor-geral até 1984. Embora seu trabalho artístico mais conhecido seja em relação ao drama e ao teatro, onde “se insere no panorama histórico

da dramaturgia angolana como um dos mais expressivos artistas de sua geração” (ÉBOLI, 2006, p. 26), Abrantes também é membro da União dos Escritores Angolanos (UEA) e é responsável por obras literárias como os livros *Ana, Zé e os Escravos*; *Meninos* e *Caminhos Des-encantados*, vencedores do Prêmio Sonangol de Literatura – um dos maiores e mais importantes prêmios de literatura nos cinco países africanos de língua portuguesa – em 1986, 1990 e 1994, respectivamente (ABRANTES, 2004).

O livro que serve como objeto de estudo deste artigo, *Caminhos Des-encantados*, é composto por trinta e três contos, todos escritos integralmente por José Mena Abrantes em Luanda, capital da Angola, no período compreendido entre 15 de agosto e 15 de outubro de 1994 (ABRANTES, 2004). Dessa maneira, todos os trinta e três textos que compõem o livro se localizam, historicamente, no período após a eleição multipartidária que ocorreu no país em 1992, com vitória do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), resultado, no entanto, que a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) não aceitou, reiniciando a guerra civil angolana, que duraria até 2002.

Nessa perspectiva histórica, pode-se estabelecer que a principal temática que compõe os trinta e três textos integrantes do livro se trata do contexto social da guerra civil em Angola em meados da década de 1990, com toda a violência e sofrimento que ela causou no cenário nacional angolano, incluindo sua população, como abordaremos com alguns exemplos dos contos do livro mais à frente. A literatura de *Caminhos Des-encantados*, então, assemelha-se às peças pelas quais José Mena Abrantes é mais consagrado, que “trazem aspectos sociopolíticos, econômicos e culturais estruturados em forma de provocação, em aberto, de situações vigentes em determinado período da história de Angola” (SILVA, 2013, p. 45).

O primeiro dos contos que integram o livro *Caminhos Des-encantados* – embora seja apenas o segundo a ser escrito por José Mena Abrantes, se levarmos em consideração a ordem cronológica – é intitulado como *O voo* e conta um episódio no qual uma menina, durante uma longa andança próxima a um abismo, pergunta a sua mãe se uma pessoa é capaz de voar. A mãe, então, responde que até existe a possibilidade, mas não sabe se alguém consegue, especialmente quando o corpo está sem forças por falta de comida. A menina, em seguida, lança-se no abismo e consegue, de fato, voar. A mãe, surpresa, tenta fazer o mesmo, mas, ao contrário da filha, cai em direção ao chão.

Para grande espanto da mãe, a menina volteou desajeitada no ar, imitando logo a seguir os movimentos aprendidos no rio profundo das suas brincadeiras. Treinando começos, já nadava no ar. Quando percebeu que não caía, entregou-se a outros aprenderes, livre e solta, embalada no vento. *Olha, mãe, já estou a voar*, pensou gritar para o vulto que se apouquinhava cada vez mais lá em baixo. Das pedras, a mãe via com preocupação crescente a filha alada desafiar de tão perto o voo alheio do próprio dono do ar. Quis avisá-la, mas a voz já não lhe obedecia tão longe e tão alto. [...] Então, definitivamente cessante, escolheu ela também o seu voo. Vertical, longo, vertiginoso, diretamente para o coração da terra. (ABRANTES, 2004, p. 11-12)

Nesse texto, podemos fazer relação com as expectativas de um futuro promissor surgidas com o fim do domínio colonial português sobre Angola – o voo da filha, de uma geração angolana mais nova –, mas que logo foram desacreditadas devido à violência e instabilidade social e econômica causadas pela guerra civil – a queda da mãe, representando a antiga geração da população angolana.

Outro conto que compõe *Caminhos Des-encantados* e que podemos utilizar como exemplo da representação social que José Mena Abrantes escreveu sobre a Angola no período de sofrimento e violência da guerra civil é *Os fotófagos*. Nesse conto, o autor faz um trocadilho da palavra “fotógrafos” com o sufixo de origem grega “fago” para

ressaltar que “eles chegavam de todas as partes, os fotógrafos, ávidos de imagens de miséria, guerra e fome” (ABRANTES, 2004, p. 73), tendo em vista que, embora o conflito se desse por questões políticas internas de Angola, também atingia interesse internacional.

Não se tratava, como se vê, de trair completamente a realidade, mas apenas de a utilizar como cúmplice segundo as próprias conveniências. Nesse aspecto nem sequer se lhes podia negar objectividade, até porque o importante para eles era mesmo que a sua presença intrusa não estragasse a fotogenia da miséria, não fizesse nascer um sorriso precário num rosto sem queixo retalhado à catanada, não impedisse o moribundo de estrebuchar o seu último estertor ou o abutre de arrancar um pedaço de carne à criança agónica. E as pessoas reais não deixavam de lá estar, nas fotos: sós, sofredoras, carentes de atenção e afecto, moribundas algumas, olhando indiferentes os fotógrafos, sem consciência de que os seus olhares iriam um dia enfrentar outros olhares efémeros e distantes. (ABRANTES, 2004, p. 73-74)

A narrativa do conto sofre uma virada quando, um dia, um dos fotógrafos, ao registrar um grupo de pessoas esqueléticas e famintas, é atacado por aqueles que fotografava, que acabam por devorar as imagens de si mesmos que ainda seriam reveladas, pois “todo o ser vivente e com fome, independentemente do lugar que ocupa na escala da Natureza, detecta por puro e imediato instinto qualquer fonte de reserva proteica, por insólitos que sejam o seu suporte e o seu involuntário disfarce” (ABRANTES, 2004, p. 74).

Um terceiro texto da obra de José Mena Abrantes que tomamos aqui como exemplo recebe o título de *Economias* e se trata de um homem que, angustiado com as necessidades, diminuía, cada dia mais, as suas despesas com alimentação, utilizando exemplos históricos, como São Francisco de Assis, como justificativa. A situação, no entanto, agrava-se à medida em que ele se torna cada vez mais obcecado com as economias, adotando inclusive o discurso da campanha oficial no país: “de cada um a poupança, é de todos a abastança!” (ABRANTES,

2004, p. 27). Para além disso, as tais economias realizadas pelo protagonista superaram até mesmo a ingestão de alimentos e bebidas e alcançaram níveis imateriais, como o uso das palavras.

Ele próprio deu o exemplo: passou a respirar por uma única narina, depois de ter bloqueado a boca com uma fita adesiva arrancada de um cartaz mal colocado numa montra de alimentos e bebidas. Concluíra, não sem uma profunda crise de consciência, que afinal podia prescindir também das palavras, desde que continuasse com os bons exemplos práticos... [...] Já ninguém o suportava, nem conhecidos nem desconhecidos, e mesmo o poder oficial, que inicialmente vira nele um símbolo vivo da sua propaganda, sentia que ele se estava a tornar demasiado incómodo para a sua renovada imagem. E, quando já todos o consideravam um caso confirmadamente perdido e o julgavam incapaz de uma acção para além de si, de um gesto solidário, de uma qualquer dádiva desinteressada, ele os desmentiu a todos com a maior das classes e se regenerou numa única decisão insuspeitada e definitiva: tapou a outra narina e DEU o seu último suspiro. (ABRANTES, 2004, p. 28-29)

É justamente nessa questão que pode ser encontrada a crítica do autor a respeito do contexto social de Angola na guerra civil, que desencadeou crescente desigualdade social e miséria no país (ÉBOLI, 2006). A crítica, nessa perspectiva, pode ser compreendida no sentido de que era incentivada uma crescente economia por parte da população com a justificativa de que seria melhor para todos, mas que, ao mesmo tempo, era na realidade impossível de ser colocada em prática completamente, tendo em vista o cenário social e económico do país durante a guerra civil. No conto, até mesmo o poder oficial, que incentivava a poupança e inicialmente via no homem um símbolo de sua propaganda, acaba por vê-lo como um incómodo para a sua imagem, até que, ao final, o homem, de tanto economizar, morre.

O último conto selecionado aqui como exemplo é o próprio *Caminhos Desencantados*, homónimo ao título do livro de Abrantes. Nesse texto, o autor debate acerca de caminhos que se abrem em todos os sentidos imagináveis, ao mesmo

tempo em que fecham todas as saídas possíveis por serem caminhos que acabam por não levar a lugar nenhum, concretamente. A única alternativa que se mostra viável nesse contexto, portanto, é o de que todos são obrigados a se conformar e a esperar pela morte, sem esperanças.

Eram caminhos sem encanto, sem ilusão, sem esperança. Caminhos desencantados. Abriam-se em todas as direcções possíveis e imaginárias, fechando assim todas as saídas. Naquela encruzilhada todos os viventes viviam por isso tal igual: como pregados na cruz, no meio de uma ilha. Não se podiam mover, a não ser que escolhessem a via do Filho de Deus, que subiu aos céus por obra e graça do Seu e nosso Pai. Como esse caminho parecia ser pessoal e intransmissível, todos eram obrigados a ficar à espera do encantamento da morte, desencantados (ABRANTES, 2004, p. 79)

No conto, Abrantes ainda faz menção aos conflitos armados da guerra civil angolana ao falar que “ainda houve aqueles que experimentaram caminhos por baixo da terra, valas de trincheira, minas abandonadas, túneis de toupeira. Tudo em vão” (ABRANTES, 2004, p. 79). Diante dessa perspectiva, podemos fazer relação com o sentimento que se espalhava pela população de Angola no contexto da guerra civil do país, no qual imperava “um clima de desencanto em razão do não cumprimento de muitos dos ideais preconizados pela Independência” (SECCO, 2013, p. 12).

De uma forma geral, portanto, podemos relacionar o conteúdo temático que guia os contos do livro *Caminhos Des-encantados*, de Abrantes, com a situação pós-colonial de Angola, que, apesar de se ver livre do domínio de Portugal, enfrentou décadas violentas em razão da guerra civil pelo poder e controle territorial do país. Nesse cenário, é importante ressaltar que o pós-colonialismo não se resume, necessariamente, a uma ideia de cronologia. De acordo com Hall (*apud* ÉBOLI, 2006), no pós-colonialismo, há a sucessão de uma forma de poder para outra, ou seja, se antes o sistema de poder funcionava de forma hierarquizada entre

a figura colonizadora e a colonizada, agora opera entre as próprias forças internas da sociedade descolonizada, como acontece com a Angola pós-independência e durante a guerra civil.

## Considerações finais

Inserido no contexto social e político da Angola em meados da década de 1990, quando o país ainda atravessava um violento período histórico marcado pelos conflitos armados entre, principalmente, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), o livro *Caminhos des-encantados*, de José Mena Abrantes, retrata de maneira realista o cotidiano e as perspectivas sociais da população angolana após a independência nacional e o fim da época de domínio colonial português.

A partir dessa perspectiva, podemos entender que, embora a Angola tenha conquistado a sua independência política de Portugal em 1975, o país não teve a oportunidade de vivenciar ou até mesmo celebrar o marco histórico nacional, tendo em vista que logo se transformou em palco para a violenta guerra civil em busca de poder e controle territorial e que iria durar, com breves intervalos, até 2002, entre o MPLA e a UNITA. Dessa maneira, é possível fazermos relação com Hall (*apud* ÉBOLI, 2006) e de como o pós-colonialismo não se resume apenas à ideia de tempo antes e depois do domínio colonial de um país, mas também à sucessão de uma forma de hierarquização de poder (colonizador e colonizado) para outra (entre as forças internas da sociedade descolonizada).

O livro *Caminhos des-encantados* – que chegou a vencer o Prêmio Sonangol de Literatura em 1994 – e os contos que o integram podem, portanto, ser compreendidos como retratos realistas da sociedade e do cotidiano angolano na época da pós-independência e da guerra civil. Nesse cenário,

é interessante ressaltar como as histórias relatadas no livro, ainda que fictícias, servem para evidenciar o sentimento que circulava em Angola na época, na qual o clima nacionalista e as esperanças de um futuro promissor causados pela independência foram logo suprimidos pela violência e pelo sofrimento da guerra civil. A desilusão e o desapontamento devido ao não cumprimento dos ideais preconizados pela independência é evidenciado até mesmo no título da obra de José Mena Abrantes, ou seja, os ditos caminhos desencantados pelos quais a Angola caminhava.

## Referências

ABRANTES, José Mena. **Caminhos desencantados**. Luanda: Edições Maianga, Biblioteca de Literatura Angolana, 2004.

ÉBOLI, Luciana Morteo. **Dramaturgia angolana no Pós-Colonialismo: sujeito, nação e identidade na obra de José Mena Abrantes**. 2006. 163 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

FERREIRA, Manuel. **Literatura africana de expressão portuguesa-I**. Portugal: Bertrand Venda Nova, 1977a.

FERREIRA, Manuel. **Literatura africana de expressão portuguesa-II**. Portugal: Bertrand Venda Nova, 1977b.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Cadernos CESPUC de Pesquisa, v. 16, p. 13-69, 2007.

LARANJEIRA, Pires. **As literaturas africanas de língua portuguesa**. Scripta, v. 4, n. 6, p. 237-244, 2000.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais. Desconstruindo genealogias eurocêtricas**.

Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 1, p. 27-42, 2014.

MAZRUI, Ali et al. **O desenvolvimento da literatura moderna**. In: MAZRUI, Ali; WONDJI, Christophe (ed.). História geral da África, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. p. 663-696.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade**. Novos estudos CEBRAP, n. 66, p. 23-52, 2003.

SECCO, Carmen Tindó. **A literatura e a arte em Angola na pós-independência**. Revista Conexão Letras, v. 8, n. 9, p. 9-21, 2013.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Teatro angolano: 'O grande circo autêntico'**, de José Mena Abrantes. Revista Conexão Letras, v. 8, n. 9, p. 45-52, 2013.

**Submissão: setembro de 2019.**

**Aceite: julho de 2020.**